

## A face de um olhar: a responsabilidade socioambiental no currículo

The face of a look: the socio-environmental responsibility in the curriculum

Por Isabel Cristina Vetter Lizakoski

Mestre em Teologia (Escola Superior de Teologia)

Coord. do Programa Social Ada IENH

lizakoski@gmail.com.br

### Resumo:

O presente estudo tem como tema central o currículo escolar da educação básica ao ensino superior e o desenvolvimento de projetos na área de responsabilidade socioambiental, voltado aos espaços em situação de vulnerabilidade ou descaso na sociedade. O foco é a contribuição dos projetos e a transformação dos estudantes, assim como das pessoas ou locais assistidos em situação de risco social ou descaso com a natureza, podendo contribuir mutuamente para o desenvolvimento da vida plena com respeito à vida no planeta e à cultura de paz.

### Palavras-chave:

Currículo. Responsabilidade Socioambiental. Transformação.

### Abstract:

The present study has as a central theme the school curriculum from the basic education to the higher education and the development of projects in the area of socio-environmental responsibility, concerning the spaces in a situation of vulnerability or indifference. The focus is the contribution of projects and the transformation of the students, as well as the people or places assisted in a situation of social risk or indifference with nature, being able to mutually contribute to the development of a full life respecting life on Earth and the culture of peace.

**Keywords:** Curriculum. Socio-environmental responsibility. Transformation.

Ao longo da história, a humanidade avança no estudo e aplicação de recursos para promover as melhorias de vida no planeta.

Em cada época, o ser humano marca sua passagem, trazendo seu próprio sistema de representações e, nesta trajetória, cada pessoa faz a sua, dentro da singularidade de seu ser e do universo que povoa seu íntimo.

A busca de reconhecimento nos acompanha ao longo da vida. Desde muito cedo, estabelecemos vínculos que nos permitem crescer e buscar espaço de aceitação na sociedade e estabelecer a relação com as pessoas e com o meio que habitamos e convivemos.

Nessa busca pela autonomia, o ser humano estabelece para si uma série de investimentos

personais, tornando sua vida, em muitas situações, um desafio constante, sem limites, e abrindo possibilidades de aprendizagem, às vezes, de difícil superação.

A subjetividade de cada pessoa é evidenciada pelo modo como o relacionamento acontece em cada momento ao longo de sua vida e auxilia na construção do sentido pessoal e das relações com as demais pessoas e espaços sociais de convivência e também com o meio ambiente.

O sujeito, inserido no tempo, que acelera sua vida e que busca sentido de vida, fica perdido com as exigências da modernidade. Neste aspecto, Larrosa nos faz refletir, quando coloca:

esse sujeito de formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como valor ou como mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo.<sup>1</sup>

Portanto, é importante analisar a gama de valores educacionais que povoam os espaços de trocas entre as pessoas no período da aprendizagem formal, a possibilidade de ações transformadoras e sua contribuição na construção de uma sociedade mais igualitária com relação aos direitos do cidadão e da vida com dignidade, respeito às diferenças e ao meio ambiente.

### Sensibilizar pessoas e transformar realidades

A tarefa de educar crianças, jovens e adultos para a realidade do século XXI denota claramente as necessidades emergentes de nossa época, na relevância de rever conceitos que estabeleçam valores e metas norteadores, significando a vida das pessoas e da comunidade no geral.

A educação tem papel preponderante na vida de cada ser humano.

Ao longo dos tempos, o ser humano conta a história de sua trajetória, marcada por inúmeros exemplos em busca da significação da sua existência. Em cada página, a história de cada ser humano mostra-se desejosa de amor, de reconhecimento e de sentido de vida. Essa condição humana ainda necessita de aperfeiçoamento, e, nas palavras de Assmann e Mo Sung, seguem as seguintes reflexões:

talvez precisemos ainda de palavras novas e conceitos novos para expressar – holograficamente – como é que acontecem nossas ‘conversões ao sentido’ dentro de processos de construção do sentido. Não podemos esquecer que essa imersão em águas cristalinas, posto que – em meio à construção de mundos de sentido – sobrevivem também

– e quanto! – os mundos do sem-sentido. Mas é fundamental que reconheçamos, em nós e nos outros, a nossa fome comum do sentido e que lutemos para que ela seja reconhecida como um desejo que virou necessidade.<sup>2</sup>

O espaço da escola, como entidade educacional, pode fazer a diferença. Desde cedo, nossas crianças, jovens e adultos, inseridos em atividades reflexivas, podem contribuir significativamente para o processo de mudanças na área socioambiental e, principalmente, com o significado de vida em todas as dimensões.

A contribuição na formação cidadã tem importância vital e poderá transformar, a médio e longo prazo, a visão de convivência política dos seres humanos.

No texto de Larrosa, aprendemos a compreender o profundo sentido da experiência, quando diz:

por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.<sup>3</sup>

A escola, desde a educação básica ao Ensino Superior, pode ser a referência para o desenvolvimento de interações, que fortaleçam a rede socioambiental. Nesse lugar, o estudante/acadêmico passa a ser protagonista da sua história, propondo mudanças e transformações, tanto em sua vida como na de inúmeras pessoas que lutam à margem da sociedade sem reconhecimento, como no descaso com o meio ambiente. Também pode, com a mesma visão respeitosa, por meio de projetos que consagrem a vida como centro de sua ideia, propor modificações nas áreas social, da cultura, do meio ambiente e da saúde.

<sup>1</sup> LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. p. 23.

<sup>2</sup> ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 323.

<sup>3</sup> LARROSA, 2002, p. 27.

É, nesse espaço, que a escola em todos os níveis educacionais, contribui com seu processo curricular, viabilizando, através da ação de professores/as, funcionários/as e familiares junto ao aluno/a, a vivência interdisciplinar, para fortalecer a caminhada com as transformações sociais, culturais e ambientais. Por meio da ação solidária, crianças, jovens e adultos tornam-se os construtores de si próprios e do lugar em que convivem. Eles/elas, como sujeitos viabilizados por seus projetos de solidariedade, envolvem a si mesmos e ao outro, rompendo os padrões até aqui constituídos socialmente.

Cabe, então, à escola/universidade oferecer conteúdos aos estudantes, sejam eles/as, crianças, jovens ou adultos, ressignificando suas vivências, bem como gerando significados na construção de sua subjetividade e, com isso, a transformação da realidade socioambiental.

Ainda em Larrosa, as experiências de vida passam a ter sentido, quando buscamos no outro, a “receptividade” que disponibiliza acesso. Nesse sentido, “[...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”.<sup>4</sup>

A construção de espaços de planejamento que revertam em prol da rede de organizações comprometidas com as ações solidárias, consolidará o engajamento entre educadores e educandos, com estímulo para a inserção dos projetos socioambientais nos programas curriculares e o reconhecimento das iniciativas eficazes de projetos de ação social e ambiental dos estudantes e da escola/universidade, dando-lhes visibilidade.

Nesta perspectiva da construção de espaços solidários, Maria Isabel Cunha relata a seguinte reflexão:

quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa

forma, pode ser transformadora da própria realidade.<sup>5</sup>

Os seres humanos, potencializados por meio da sensibilidade, são capazes de rever suas trajetórias de vida e contribuir, acima de tudo, no exercício da espiritualidade engajada pela vida, pela constituição e transformação do meio social e ambiental, indo assim ao encontro da base filosófica importante que é o amor.

Com profunda significação, Cunha contribui com o processo de mudança da pessoa, quando argumenta:

a narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória.<sup>6</sup>

### Considerações finais

A escola/universidade é lugar da produção de saberes e um espaço, no qual nossas crianças, jovens e adultos passam grande parte de seu tempo, em busca de autonomia e realização pessoal e social. Cabe à escola, em todos os níveis, refletir sobre o quanto ela colabora para repensar processos que revertam em favor da inclusão de todas as novas dimensões de relacionamentos, gerando novos conhecimentos, principalmente na construção da paz. Essa proposta necessita permear os saberes desenvolvidos nas escolas desde o ensino básico até a universidade e pode definir o rumo da humanidade. Com consistência, Guimarães referencia:

a paz somente surgirá se a humanidade concordar em viver em paz. É preciso, então, operar um consenso humanitário para a paz, tal como acontece, por exemplo, com a

<sup>4</sup> LARROSA, 2002, p. 24

<sup>5</sup> CUNHA, Maria Isabel. O professor universitário na transição de paradigmas. Araraquara: JM, 1998. p. 39.

<sup>6</sup> CUNHA, 1998, p. 39-40.

Declaração Universal de Direitos Humanos. A humanidade não nasceu com essa noção, e ela foi construída através de um intenso e conflitivo processo social até estabelecer um consenso através dos documentos que foram sendo proclamados. Da mesma forma, a paz, como construção coletiva, não virá por decreto dos poderosos, nem mesmo virá apenas como consequência da audácia dos militantes pacifistas, mas será fruto do estabelecimento de um consenso discutido, conversado, e negociado entre as pessoas.<sup>7</sup>

Também é necessário abrir espaço de discussão, favorecendo, assim, a compreensão com significado mais profundo de conteúdo de um tempo que remete ao processo mais humanizante de respeito com o meio ambiente. A criação e desenvolvimento de projetos e ações que evidenciem tal dimensão devem acompanhar nossa busca constante.

A aprendizagem passa a constituir o sujeito quando o sentido de vida estiver alicerçado no bem coletivo, na ética que contribua nas narrativas que representam a história de cada sujeito, em seu meio cultural e na vida como um todo. Nessa dimensão, Kehl coloca:

na modernidade, o sentido de vida não é dado por nenhuma verdade transcendental que preceda a existência individual; entretanto, é ilusório pensar que a criação de sentido para a existência possa ser um ato individual. É uma tarefa coletiva, uma tarefa da cultura, da qual cada sujeito participa com seu grão de invenção. É uma tarefa simbólica, que se dá por meio da produção de discursos e narrativas sobre 'o que a vida é' ou 'o que a vida deve ser'.<sup>8</sup>

Com projetos de valorização da vida, permeando o currículo com viés solidário no campo socioambiental, torna-se possível a busca da utopia, de um contexto melhor em um mundo com inúmeras mudanças e repleto de diversidade. Nesse espaço, a aprendizagem passa a ter um novo significado, é lugar de esperança, pois articula a transformação e torna o desafio constante, oferecendo, assim, sentido de vida. Nesse novo

processo de construção, a escola/universidade tem o papel de articuladora de possibilidades com os diversos saberes e o compromisso com a vida no planeta.

Portanto, a educação se constitui como a possibilidade de sujeitos se encontrarem para olharem, face a face, os seus caminhos e decidirem de forma fraterna, os destinos deste mundo.

[Recebido em: outubro 2009 e  
aceito em: novembro 2009]

<sup>7</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. Caxias do Sul: Educa, 2005. p. 264.

<sup>8</sup> KEHL, M. R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 10.